



JADE GABRIELLE AVELAR

**CONTRIBUIÇÕES DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM E INTELIGÊNCIAS
MÚLTIPLAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS PARA
ESTUDANTES AUTISTAS**

LAVRAS – MG

2023

JADE GABRIELLE AVELAR

**CONTRIBUIÇÕES DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM E
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE
LÍNGUAS PARA ESTUDANTES AUTISTAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do curso de Letras, para obtenção do
título de Licenciada.

Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza

Orientador

LAVRAS –MG

2023

JADE GABRIELLE AVELAR

**CONTRIBUIÇÕES DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM E
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE
LÍNGUAS PARA ESTUDANTES AUTISTAS**

**CONTRIBUTIONS OF LEARNING STYLES AND MULTIPLES
INTELLIGENCES TO LANGUAGE TEACHING AND LEARNING FOR
AUTISTIC STUDENT**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do curso de Letras, para obtenção do
título de Licenciada.

APROVADA em 27 de Novembro de 2023

Profa. Dra. Isabel Cristina Rodrigues Ferreira - UFLA
Profa. Dra. Patrícia Vasconcelos de Almeida – UFLA

Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza

LAVRAS –MG

2023

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que expresso meus agradecimentos neste momento especial da conclusão deste trabalho. Primeiramente, quero expressar minha profunda gratidão a Deus, cuja orientação divina me acompanhou durante toda jornada acadêmica e me concedeu força e sabedoria para superar os desafios.

Ao meu querido orientador, professor Gasperim Ramalho de Souza, não tenho palavras suficientes para agradecer por sua orientação valiosa, paciência e dedicação incansável. Seu apoio foi fundamental para o sucesso deste trabalho. À minha mãe, Maura, ao meu pai Alisson e minha avó, cujo amor incondicional e encorajamento constante. Foram minha base todos esses anos. À minha irmã e tios que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio moral e incentivo quando necessário, meu profundo agradecimento.

Agradeço também a todos os amigos e colegas que compartilharam seus conhecimentos e experiências ao longo desta jornada. Este trabalho não teria sido possível sem apoio e o amor dessas pessoas especiais em minha vida. A todos vocês, minha sincera gratidão. Que este trabalho de conclusão de curso seja um reflexo do carinho, apoio e orientação que recebi ao longo dessa jornada acadêmica. Obrigado a todos por fazerem parte deste capítulo importante da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre possíveis contribuições dos estilos de aprendizagem e inteligências múltiplas como estratégia para o ensino-aprendizagem inclusivo de línguas para estudantes autistas. Sendo assim, a educação inclusiva (MANTOAN,2003; SOUZA,2020), os estilos de aprendizagem (CURRY, 1983) e uma perspectiva não rotulada são aportes teóricos para esse trabalho. No que se refere à metodologia, esta pesquisa baseou-se em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica e exploratória possibilitando a proposta de criação de atividades que pudessem refletir as teorias supracitadas. Algumas das principais reflexões advindas da proposta de atividades para estudantes autistas, nas aulas de línguas, na perspectiva inclusiva subsidiada pelos estilos de aprendizagem e inteligências múltiplas. Destacamos a possibilidade de ensino-aprendizagem de línguas, valorizando diferentes estilos das/dos estudantes, por meio de inputs diversificado como imagens, vídeo do youtube e a possibilidade, de demonstrarem sua inteligências múltiplas, por meio da produção de materiais diversos que não se limitam à oralidade ou à escrita tradicional nas aulas.

Palavras-chave: Estilos de Aprendizagem, Inteligências Múltiplas, Autismo, Línguas, Inclusão.

ABSTRACT

This present work aims to reflect on potential contributions of learning styles and multiple intelligences as a strategy for inclusive language teaching and learning for autistic students. Thus, inclusive education (MANTOAN, 2003; SOUZA, 2020), learning styles (CURRY, 1983), and an unlabeled perspective are theoretical foundations for this study. Regarding the methodology, this research is based on qualitative, bibliographic, and exploratory approaches, enabling the proposal of activities that could reflect the aforementioned theories. Some of the main reflections arising from the proposed activities for autistic students in language classes, within an inclusive perspective supported by learning styles and multiple intelligences, are highlighted. We emphasize the possibility of language teaching and learning, valuing different styles of students, through diversified inputs such as images, YouTube videos, and the opportunity to demonstrate their multiple intelligences through the production of various materials that are not limited to oral or traditional written forms in classes.

Keywords: Learning Styles, Multiple Intelligences, Autism, Languages, Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A Educação Inclusiva e Especial no Brasil	8
2.1 Alguns Momentos Importantes	8
2.2 A Declaração de Salamanca e a Inclusão	9
3 Autismo: Compreendendo os Espectros além dos Rótulos.....	10
4 Os Estilos de Aprendizagem	11
4.1 Visual.....	12
4.2 Auditiva	13
4.3 Cinestésica	13
4.4 Leitura e Escrita	13
5 Estilos de Aprendizagem e o Autismo... ..	14
6 Inteligências Múltiplas.....	14
7 Inteligências Múltiplas e o Autismo	17
8 Metodologia	18
9 Estilos de Aprendizagem e Inteligências Múltiplas ação: Exemplo de uma sequência de atividades para o ensino-aprendizagem inclusivo nas aula de inglês... ..	19
9.1 Breve Síntese sobre as Contribuições de Aprendizagem e Inteligências Múltiplas nas Atividades.....	23
9.2 Refletindo sobre as Atividades desenvolvidas na aula de Língua e a participação da/do estudante autista... ..	23
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1. Introdução

Desde o início da minha graduação no curso de Letras já sentia a necessidade de compreender a relação entre as pessoas autistas e sua aprendizagem de línguas. Muitos pesquisadores já associam a aprendizagem de uma língua a diversos benefícios para as pessoas de forma geral no que se refere a comunicação, interação social, desenvolvimento de habilidades cognitivas. Isso inclui, naturalmente, pessoas autistas. Por esta razão considerei importante refletir a respeito deste tema e possibilitar uma desmistificação da ideia de que estudantes autistas têm dificuldades de aprendizagem, incluindo outras línguas. O autismo é geralmente descrito como transtorno comportamental que interfere na capacidade de comunicação e de interação do indivíduo com o meio em que vive. O grau de comprometimento do autismo é variável e isso inclui casos mais amenos como a síndrome de Asperger que não compromete nem a fala e nem algumas habilidades. Para garantir a inclusão dos estudantes autistas é preciso que os profissionais da educação e as famílias se mobilizem para que juntos construir estratégias de valorização das habilidades do estudante autista no sentido de se compreender suas potencialidades para o ensino-aprendizagem, o que inclui a aprendizagem de línguas e que compreendam a importância de fazer isso não como benesse mas por respeito a elas e eles como cidadãs/cidadãos e cumprindo a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13146/2015).. Assim, o objetivo deste trabalho, é refletir sobre possíveis contribuições dos estilos de aprendizagem e inteligências, como estratégia para o ensino-aprendizagem inclusivo de línguas para estudantes autistas.

Para atingir esse objetivo, este trabalho de natureza qualitativa realizada por meio de pesquisa exploratória e bibliográfica, está organizando nas seguintes seções: A Educação Inclusiva e Especial no Brasil, A Declaração de Salamanca e a Inclusão, Autismo, Os Estilos de Aprendizagem, Estilos de aprendizagem e o Autismo, Inteligências Múltiplas, Inteligência Múltipla e o Autismo, Metodologia, Análise e discussão de dados, e considerações finais.

2 A Educação Inclusiva e Especial no Brasil

Neste capítulo apresento um panorama da educação especial no Brasil conforme as subseções seguintes:

2.1. Alguns Momentos Importantes

No Brasil Colônia, não havia nenhum tipo de política voltada para a educação inclusiva, de modo que as pessoas em situação de deficiência¹ viviam à margem da sociedade. Apenas em 1854, houve a criação dos Meninos Cegos, sob a direção de Benjamin Constant, e o Instituto dos Surdos-Mudos, em 1857. Em 1874, foi criado na Bahia o Hospital Juliano Moreira, o que marcou o início da assistência médica aos indivíduos com deficiência intelectual. Em 1887, foi criada a Escola México para o atendimento de pessoas com deficiências físicas e intelectuais no Rio de Janeiro.

Como passo inicial para uma nova visão de educação para pessoas com deficiência, em 1994, foi promovido pelo governo da Espanha em parceria com a UNESCO, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, que acabou resultando em um dos documentos mais importantes para a promoção da Educação Inclusiva em todo o mundo, intitulada a “Declaração de Salamanca”, que vai nortear caminhos e atitudes para se desenvolver uma educação de qualidade para todos os indivíduos. O direito à educação para todas as pessoas também foi pauta da redemocratização do Brasil na década de 80. Essa pauta foi influenciada pelo Ano Internacional das Pessoas com Deficiência, apoiado pela Organização das Nações Unidas – ONU – em 1981. Esse evento teve como consequência a elaboração de dois planos: o Plano de Ação da Comissão Internacional de Pessoas Deficientes (1981) e o Plano Nacional da Ação Conjunta para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (1985). Dessa forma, a Constituição Federal de 1988, no artigo 227, ressaltou o dever da família e do Estado no sentido de garantir os direitos básicos para todas as crianças, o que incluía as crianças em situação de deficiência.

Faz-se pertinente compreender segundo MAZZOTTA (1982) que o atendimento á

¹ Neste trabalho, com base em Souza (2020) utilizarei a expressão "situação de deficiência" para frisar as condições excludentes criadas pela sociedade diante da deficiência que na concepção daquele autor é parte das diferenças entre os indivíduos .

peças em situação de deficiência durante longo período foi caracterizado como um consenso social pessimista, fundamentado essencialmente na idéia 'de que a condição da pessoa em situação de deficiência era uma condição de " incapaz, deficiente" e de caráter imutável.

Assim sendo, a partir de 1988, a Educação Especial tem o intuito de garantir os direitos das Pessoas com Deficiências, sem que haja a exclusão social, haja vista que este sujeito, é concebido como sujeito de direitos pela Constituição Federal de 1988, pois, "o processo de garantia do acesso imediato e contínuo da pessoa com necessidades especiais ao espaço comum da vida em sociedade, independentemente do tipo de deficiência e do grau de comprometimento apresentado" (ARANHA, 2000, p.13).

No âmbito das Políticas de Interesse à Educação da Pessoa com Deficiência no Brasil, vale salientar a concepção de Educação Especial, apresentado no artigo 3º da Resolução CNE/CEB 02/2001:

[...] modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (BRASIL, 2001).

Por tudo isso, é possível compreender que o direito à educação da pessoa em situação de deficiência no Brasil é algo historicamente recente e, em decorrência disso, as Políticas Públicas de interesse à Pessoa com Deficiência são promulgadas com o intuito de oferecer e garantir efetivamente a igualdade (de direitos e oportunidades) e a acessibilidade às Pessoas com Deficiências, bem como combater o preconceito sofrido por estas.

Doravante, a Educação Especial atua sob a ótica da Inclusão Escolar e esta, por sua vez, constitui-se em uma modalidade educacional que tem como objetivo atender às pessoas em situação de deficiência, negros, indígenas, nômades entre outros sujeitos

que culturalmente ou historicamente tiveram seus direitos negados e por esse sentido ficaram à margem da sociedade e/ou em situação de vulnerabilidade.

2.2 A Declaração de Salamanca e a Inclusão

A partir de um segundo momento histórico, logo após uma situação de segregação e exclusão, os deficientes que antes eram segregados e discriminados, passam a ser reconhecidos como pessoas que necessitam de respeito e educação de qualidade, com isso observaram que depois da aplicação de algumas leis desenvolvidas e aceitas por países e entidades mundiais, essa situação se modifica ao passar do tempo.

Na perspectiva do processo de inclusão, as políticas educacionais têm fundamento no princípio da igualdade de direito entre as pessoas, tem como objetivo uma educação de qualidade para todo, sem discriminação e respeitando acima de tudo as diferenças individuais e, dessa forma, garantindo não só o acesso a essa educação, mas também, à permanência desses indivíduos até a sua formação.

O fato que vem modificar o cenário da educação mundial fica por conta da elaboração da Declaração de Salamanca em 1994, na cidade de Salamanca (Espanha). Este documento foi criado para apontar aos países a necessidade de políticas públicas e educacionais que venham a atender a todas as pessoas de modo igualitário, independente das suas condições pessoais, sociais, econômicas e socioculturais. A Declaração destaca a necessidade da inclusão educacional dos indivíduos que apresentam necessidades educacionais especiais.

De acordo com a Declaração, os princípios por ela defendidos é que as escolas e seus projetos pedagógicos se adequem às necessidades dos indivíduos nelas matriculados, tendo como base o artigo 11 da Declaração de Salamanca “O planejamento educativo elaborado pelos governos deverá concentrar-se na educação para todas as pessoas em todas as regiões do país e em todas as condições econômicas, através de escolas públicas e privadas”.

Podemos perceber que a Declaração de Salamanca iguala os direitos de todos os indivíduos no que se refere à educação de qualidade, a escola inclusiva é um espaço no qual todos os alunos têm as mesmas oportunidades de ser e estar de forma participativa, onde as oportunidades e acessos educacionais e as características individuais sejam marcados pela igualdade entre as pessoas.

Na sua escrita, a Declaração é iniciada com a seguinte ideia: O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos.

Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos. (Declaração de Salamanca, 1994, p. 5 - 6).

Recentemente, com a Lei Brasileira de Inclusão, temos um resgate desses princípios uma vez que ela é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania “ (BRASIL, 2015). O autismo, como um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) também é público-alvo dessa lei.

3. Autismo: Compreendendo os Espectros além dos Rótulos

Em 1943, o Autismo infantil foi definido por Leo Kanner como “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo”

como uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino. (TAMANAHA; PERISSINOTO ; CHIARI, 2008, p.296)

Certamente, um dos fatores que sempre dificultaram a identificação do autismo enquanto diagnóstico é a sua heterogeneidade, ou seja, a multiplicidade de formas em que ele se apresenta. Desde o início, as características mais marcantes da condição – dificuldades na comunicação social e padrões de interesses e comportamentos restritos e repetitivos – variam amplamente nas descrições profusas que já eram abundantes nas décadas de 30 e 40. “Encaixar” pessoas com tantas diferenças em suas habilidades e dificuldades em um único diagnóstico nunca foi uma tarefa simples. Ao longo do tempo, muitas tentativas foram feitas no sentido de identificar subtipos de autismo, na busca por um modelo que conseguisse separar autistas em grupos com características semelhantes. Algumas dessas tentativas foram reproduzidas nos sistemas de classificação oficiais, ganhando até “códigos” distintos. Fora dos manuais, informalmente,

profissionais também usavam expressões para diferenciar formas de manifestação dissonantes entre si. Falava-se muito, por exemplo, em “autismo clássico” ou “autismo de Kanner” para se referir a pessoas com dificuldades mais graves de linguagem e com comportamentos que destoava muito do padrão neurotípico, e em “Síndrome de Asperger” para todos os autistas com bom domínio de linguagem e alterações de comportamento mais sutis. Os termos “autismo de alto funcionamento” e “autismo de baixo funcionamento” também eram usados para designar respectivamente pessoas “mais” ou “menos capazes” de executar tarefas com autonomia e viver com independência. No entanto, seria equivocado afirmar que apenas profissionais buscavam modos de classificar a “gravidade” de seus pacientes. Essa sempre foi uma grande angústia de pais e mães de crianças autistas ao receber o diagnóstico, e até mesmo de pessoas autistas adultas. Os termos leve, moderado e severo ainda não são claros e são, em grande parte das vezes utilizados de forma arbitrária e, não raramente, incorreta. Concernente à ideia de “espectro”, este termo passou a ser associado ao autismo em 2013 exatamente para enfatizar a multiplicidade de sintomas e níveis que não podem ser rotulados dentro de uma única nomenclatura. É inegável que as necessidades de suporte variam amplamente dentro do espectro, e é natural que as pessoas envolvidas anseiam por saber o que devem esperar do futuro. Contudo, é inegável que as/os pessoas autistas assim como quaisquer outras pessoas têm diferentes estilos de aprendizagem e têm seus eixos de interesse que podem ser trabalhados. Considerando uma pesquisa realizada com 10 pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) Nogueira e Orru declararam:

Ainda que haja uma diversidade nos estilos de aprendizagem, é de opinião majoritária entre os participantes, a importância dos eixos de interesse para o trabalho pedagógico, uma vez que eles funcionam como um caminho real e concreto em que as pessoas se reconhecem no desenvolvimento de aprendizagens novas. São eles que garantem a possibilidade para as portas aos novos conhecimentos. Deste modo, é possível compreender que “[...] trabalhar por eixos de interesse como ponto principal de partida e valorizando o ‘ponto ótimo’ do aprendiz com autismo, é aproveitar ao máximo aquilo que ele se mostra capaz de fazer, é respeitá-lo em suas limitações (NOGUEIRA; ORRU, 2019, p.9).

O trecho acima reforça a importância de se reconhecer o que “ele é capaz” e respeitar suas limitações. Nessa perspectiva, nos atemos nessa seção a uma explicação mais objetiva, sem muitos pormenores e detalhes técnicos, exatamente para não endossar a ideia de que temos que ter muito conhecimento acerca das nomenclaturas e definições que embora sejam importantes, não devem, na nossa perspectiva, servir como “bússola” para educadoras/es ou como uma “profecia” sobre a

aprendizagem daquelas/es estudantes. A compreensão dos estilos de aprendizagem é uma estratégia para se construir rotas de aprendizagem ao invés de rótulos sobre os estudantes.

4. Os Estilos de Aprendizagem

O conceito de estilos de aprendizagem foi originado no início da década de 1960, em consequência aos debates acerca das diferenças individuais no processo de aprendizagem (CURRY, 1983).

Os estilos de aprendizagem podem ser definidos como uma evolução interligada e interdependente das diferentes características do indivíduo, contemplando a personalidade, a maneira de processar as informações recebidas, as interações sociais e o modo como se concentra, entende e retêm as novas informações (CURRY, 1983; REIS; PATON; NOGUEIRA, 2012; NOGUEIRA et al., 2012).

Assim, segundo Sadler-Smith (1996) os estilos são como distintos modos de aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes, desenvolvidas pelos indivíduos por meio do estudo ou das experiências. Trata-se da maneira que cada um se comporta durante o processo de aprendizado, decorre das características pessoais, e das perspectivas cognitivas, afetivas, físicas e ambientais (BORDENAVE; PEREIRA, 2001).

Nesse sentido, conforme Bordenave e Pereira (2001) o estudo dos estilos de aprendizagem é relevante para a geração de técnicas educacionais que sejam o diferencial entre um desempenho acadêmico satisfatório ou insatisfatório. Detendo as informações dos estilos, os professores podem refletir sobre a maneira mais adequada de lecionar, empregando diversos métodos para mediar o conhecimento para o máximo de alunos e proporcionar um modo mais fácil de aprendizagem. A compreensão dos diferentes estilos facilita que os docentes adaptem o ambiente de aprendizado para que haja uma mediação de conhecimento com mais qualidade (VALENTE; ABID; KUSNIK, 2007). De acordo com Pereira (2005), se a maneira de ensinar do docente for diferente da maneira de aprender dos discentes, os discentes podem apresentar falta de vontade e desinteresse com os conteúdos ministrados nas aulas, que conseqüentemente provocará um baixo desempenho (de qualquer estudante!).

Cada pessoa tem um modo de aprendizagem, uma forma própria de processar informação, assimilar um novo conhecimento, conforme as competências e habilidades

que possui. Esta maneira pessoal de aprender pode ser identificada pelos estilos de aprendizagem. No ambiente escolar, o professor pode incluir tecnologias diversificadas em sua prática pedagógica com base na preferência ou estilo de aprendizagem dos alunos, visando identificar potencialidades e a integração entre eles.

Nesse sentido apresento a teoria de VARK² e disponibilizo o link para realização do teste. Essa teoria foi desenvolvida para identificar o perfil de cada estudante nas instituições de ensino. De acordo com ela, há quatro tipos de aprendizagem: visual, auditiva, cinestésica e leitura/esc

4.1 Visual

O estilo de aprendizagem visual está associado aos estudantes que interagem com conteúdos por meio de estímulos imagéticos. Eles têm facilidade com fotografias, gráficos, pinturas, mapas mentais, slides etc. Por meio de estímulos visuais, essas pessoas tendem a se comunicar melhor de forma gráfica, com desenhos e mapas.

4.2 Auditiva

Já os estudantes que se encaixam neste perfil de aprendizagem aprendem mais facilmente quando escutam as informações. Para esses alunos, é interessante ouvir aulas expositivas, podcasts, por exemplo. Além disso, para aprender e praticar conteúdos, eles podem: participar de debates, fazer leituras em voz alta, explicar conceitos para si mesmo e prestar atenção à explicação do professor.

4.3 Cinestésica

O perfil cinestésico tem a ver com a cultura *maker*, uma metodologia que propõe a autonomia dos alunos por meio de atividades práticas, onde eles precisam colocar a “mão na massa” ou hands-on. Para os alunos que se encaixam no perfil cinestésico, os estímulos externos são muito importantes. Entre as melhores estratégias para aplicar nesses casos, destacamos: simulações, demonstrações, dinâmicas e métodos lúdicos como a gamificação.

²Teste disponível em : <https://vark-learn.com/questionario/>

4.4 Leitura e Escrita

Na categoria de leitura e escrita, destacam-se os alunos que aprendem por meio de livros e conseguem se expressar melhor por meio da escrita. Para esse grupo, é interessante oferecer artigos, livros didáticos, textos virtuais e listas. Além disso, esses alunos também aprendem bastante quando anotam as explicações do professor em sala de aula.

5 Estilos de Aprendizagem e o Autismo

Estudantes autistas aprendem melhor quando são expostos a vários estilos de aprendizagem e métodos de ensino que lhes permitam ser acolhidos em sua diversidade assim como as/os demais estudantes. De acordo com ORRÚ uma das responsabilidades do educador é a de intervir na vida humana por meio da reflexão e da ação reflexiva, geradoras de estratégias pedagógicas para o bem comum do educando. Logo, se é impossível fazer de conta que o autismo não existe, certamente podemos, enquanto educadores, nos dispormos à busca de maneiras inovadoras, facilitadoras, diferenciadas e produtivas para a construção de uma melhor qualidade de vida para a pessoa com autismo. Entre os tipos de aprendizagem há a visual, que consiste no uso da visão. Neste caso se conectam com livros, vídeos, gráficos, cores e outras imagens. Outro tipo de estímulo é o auditivo. Neste caso, a compreensão é facilitada por meio de recursos que utilizam da fala, de sons de música. Eles não necessitam muitas vezes do recurso visual, por isso, costumam parecer alheios na sala de aula, sem contato com os olhos, mas estão totalmente atentos às falas. O terceiro é considerado tátil ou sinestésico. Neste caso, ver e tocar é sinônimo de aprender. Exemplos dessas estratégias incluem jogos eletrônicos. Para um aprendiz cinético tátil, ver, tocar, e

aprender. É importante que a/o estudante seja observada/o na sala de aula e nos demais ambientes de ensino para descobrir como ela recebe melhor as informações. Estudos apontam que ao compreender isso, os comportamentos negativos podem ser evitados na sala de aula. A determinação de uma abordagem educacional apropriada para os alunos com autismo deve ser baseada numa avaliação de especialistas, pais e responsáveis. Afinal, sua maneira de ver o mundo difere dos demais estudantes. E isso não deve ser um fator limitante para seu desenvolvimento. Algumas estratégias podem ser aplicadas. Para que o aprendizado seja eficaz, os profissionais têm que entender a importância da adaptação e adequação dos materiais, sem “infantilizá-los ou banalizá-los” (SOUZA, 2020) ao passo que conhecer as dificuldades das/dos estudantes e identificam quais são as mediações necessárias para o ensino aprendizado da criança autista e quais são os materiais mais indicados para a realização deste.

6 Inteligências Múltiplas

Na década de 1980, a teoria das inteligências múltiplas foi desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Howard Gardner que veio mudar a visão e ação de muitos educadores e profissionais, sendo hoje prática pedagógica em inúmeras escolas em todo o mundo. Depois de muitos anos de pesquisas com a inteligência humana, o psicólogo concluiu que o cérebro do homem possui sete tipos de inteligência. Porém, a maioria das pessoas possui uma ou duas inteligências desenvolvidas. Isto explica porque um indivíduo é muito bom com cálculos matemáticos, porém não tem muita habilidade com expressão artística.

Assim, Howard Gardner (1983) apresentou os sete principais tipos de aprendizagem no livro chamado “Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences”. São eles:

- **Musical ou auditiva:** Essa habilidade é encontrada em pessoas que relacionam músicas e sons ao seu processo de aprendizagem. Para elas, a diferenciação entre notas musicais, ritmos e timbres acontece sem esforço.
- **Lógico-Matemática:** Facilidade em **lidar com números**, operações matemáticas, gráficos e tabelas. Além disso, essas pessoas assimilam conteúdos relacionados à lógica de modo mais fácil.
- **Interpessoal:** Pessoas com esse tipo de inteligência conseguem identificar os mínimos detalhes presentes em **interações sociais**, como expressões faciais, linguagem não verbal, sentimentos e vontades não ditas.

- **Intrapessoal:** Entre os tipos de aprendizagem, essa se caracteriza pela compreensão dos **próprios sentimentos**, aspirações e comportamentos. São pessoas que conhecem a si mesmas em um nível profundo, por isso, conseguem utilizar as estratégias certas para estudar e concluir atividades.
- **Corporal-cinestésica:** Aprendizes corporais-cinestésicos aprendem na **prática**. São pessoas hábeis na manipulação de instrumentos e em atividades esportivas. Ou seja, gostam de “colocar a mão na massa” para aprender!
- **Espacial:** Pessoas com inteligência espacial precisam de **estímulos visuais** para melhorar a absorção do conteúdo. Formas, objetos, gráficos, desenhos, slides e mapas mentais as auxiliam no momento do estudo.
- **Linguística:** Além de ter facilidade em aprender com **leituras**, transmitir ideias de maneira que outra pessoa compreenda é uma tarefa simples para eles.

Gardner (1995) ainda afirma que estas inteligências apresentam-se de duas formas. Algumas pessoas já nascem com determinadas inteligências, ou seja, a genética contribui. Porém, as experiências vividas também contribuem para o desenvolvimento de determinadas inteligências. Inclusive novas podem ser descobertas. A exemplo disso, em 1995, Gardner incluiu a inteligência naturalista que refere-se à capacidade de se relacionar com a natureza ao passo que se compreende também a organização de diversos elementos. Em 1999, o pesquisador acrescentou a inteligência existencial para caracterizar a habilidade de muitas pessoas ao lidar com questões filosóficas, espirituais, etc

De acordo com a visão de Gardner a inteligência deixou de ser vista simplesmente como algo pronto e sim para ser desenvolvida mas como um potencial para diversos tipos de exigências tanto sociais como profissionais e que a mesma não pode ser identificada através de um teste lógico-matemática e verbal ou linguística como eram realizados no método tradicional e que apesar de ser dotada de uma herança genética, não está confinada somente a essa condição biológica, já que seu desenvolvimento depende também das interações dos indivíduos com os ambientes naturais e sociais em que vivem.

Segundo Gardner (1995), ao se manifestarem de maneiras diferentes em níveis desenvolvimentais também diferentes, as inteligências têm que ser avaliadas e estimuladas de maneira adequada. Nos anos pré-escolares e anos iniciais elementares, a instrução deve enfatizar a oportunidade, pois é nesses anos que as crianças podem descobrir alguma coisa sobre seus interesses e capacidades peculiares. Como a

estimulação, a avaliação das inteligências desempenha um papel fundamental para o programa pedagógico baseado na teoria de Gardner, de maneira que permite sugerir rotas alternativas para a futura aprendizagem e o aproveitamento dessas habilidades não podem se fundamentar única e exclusivamente nas inteligências lógico-matemática e linguística.

As inteligências múltiplas apresentam uma grande vantagem no que se refere ao processo de aprendizagem, pois as mesmas podem adequar a forma de mediar o conteúdo da aula que se pretende ministrar de acordo com a capacidade de aprender das /dos estudantes, sem contudo, rotulá-los a partir de suas inteligências quando da realização desse teste. A Teoria das Inteligências Múltiplas sugere que simples modificações no contexto de sala de aula ou na realização de atividades rotineiramente realizadas podem atingir níveis mais satisfatórios de aprendizagem, por envolverem um maior número de alunos ou por se mostrarem mais adequadas aos perfis cognitivos dos educandos.

Assim como a disposição dos alunos no contexto da sala de aula, outros elementos que caracterizam a organização do ambiente escolar influenciam na aprendizagem e podem, de acordo com a teoria das Inteligências Múltiplas, favorecer o desenvolvimento de estratégias de ensino voltadas para uma atmosfera mais propícia à participação e ao aumento da atenção e da confiança das/dos estudantes quando estes conhecem suas habilidades expressas nessas inteligências.³

7. Inteligências Múltiplas e o Autismo

Conforme vimos na seção anterior, de acordo com Howard Gardner, todo ser humano, incluindo as crianças com TDAH, Dislexia, Autismo e outros Transtornos de Aprendizagem, são dotadas de inteligências múltiplas que incluem as dimensões linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésico-corporal, naturalista, intrapessoal e interpessoal. Para que o educador possa fazer uso da Teoria das Inteligências Múltiplas é preciso que ele inicialmente tenha um bom domínio dela e que conheça bem o seu aluno; caso contrário, correrá o risco de distorcer os postulados da teoria e incorrer em um trabalho que não valorize as potencialidades das e dos

³ Teste disponível em: <https://pt.scribd.com/document/420575638/Teste-Multiplas-Inteligencias>

estudantes ou até mesmo estigmatiza-las/los de acordo com os resultados obtidos nesses tipos de testes.. Então, é necessário que ele conheça o perfil cognitivo dos seus alunos para que possa visualizar de que forma o seu aluno aprende; sendo a partir disso que ele encontrará subsídios para que possa melhorar a sua prática pedagógica. Outra contribuição dessa teoria que pode ser aplicada à Educação Inclusiva é que, por meio do domínio dos postulados dessa teoria o educador poderá se conscientizar e aceitar que cada indivíduo é único, singular e, por isso, distinto dos demais que estão ao seu redor. Para promover a inclusão ele precisará entender que a escola é um local heterogêneo, que abriga discentes que apresentam pontos fortes e outros que são mais fracos; desenvolvendo a consciência de que tanto os pontos fracos como os fortes são passíveis de desenvolvimento. A Teoria das Inteligências Múltiplas propõe então que a função principal do educador é a de auxiliar os discentes a desenvolverem as suas diferentes inteligências, a fim de torná-los futuros sujeitos ativos na sociedade.

Reconhecer o quanto é importante trabalhar com inteligências múltiplas dentro da Educação Inclusiva permitirá a integração de todos os tipos de diversidade, respeitando as diferenças e o processo educacional. Isso refletirá numa melhor preparação, tanto por parte do educador, que estará apto para desenvolver uma educação para todos; como por parte dos discentes, que aprenderão a conviver, crescer e, principalmente: a respeitar as diferenças, sem discriminar o outro em todos os sentidos

Assim, ao diversificar suas metodologias de ensino com o respaldo dessa teoria, O educador estará contemplando o desenvolvimento de todos os tipos de inteligências que os indivíduos possuem e, conseqüentemente, estará contribuindo para fomentar uma educação para todos.

8 Metodologia

Para este estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Conforme Gil (1999), a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo e é muito difundida nas áreas de ciências sociais devido a subjetividade, interpretatividade e preocupação social diante do fenômeno investigado.

Concernente à pesquisa bibliográfica, Prodanov e Freitas (2013), destacam que pesquisa bibliográfica é

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Considerando que objetivo deste trabalho é refletir sobre possíveis contribuições dos estilos de aprendizagem e inteligências múltiplas como estratégia para o ensino-aprendizagem inclusivo de línguas para estudantes autistas, foi selecionada uma atividade, pensada para uma aula podendo ser duas ou mais dependendo da interação dos estudantes, que reflete as possibilidades pedagógicas das teorias supracitadas. A atividade foi adaptada a partir de um plano de aula retirado do site Nova Escola ⁴, de um site de domínio público, de qualidade, com planos de aulas elaborados por diferentes especialistas atentos/as às habilidades e competências da BNCC. A referida atividade (adaptada) tem como foco os seguintes conteúdos e habilidades.

Sobre os materiais, será necessário o uso de data show, computador, internet e uma caixa de som e possivelmente de dicionários que podem ser impressos ou online. É importante imprimir os *worksheets* disponibilizados no plano para serem entregues durante a aula para as/os estudantes.

Essa atividade que faz parte de um plano de aula, será apresentada na seção seguinte e analisada considerando como ela contempla diferentes estilos de aprendizagem e propicia diversas inteligências múltiplas que abrangem todas e todos as/os estudantes ,

⁴<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/6ano/ingles/identificar-o-uso-da-lingua-ingles-a-no-dia-a-dia/2307>

9 Estilos de Aprendizagem e Inteligências Múltiplas ação: Exemplo de uma sequência de atividades para o ensino-aprendizagem inclusivo nas aula de inglês

A atividade a seguir tem como objetivo integrar diferentes habilidades da língua (reading, speaking, listening, writing) considerando a seguinte habilidade para o 6º ano do ensino fundamental.

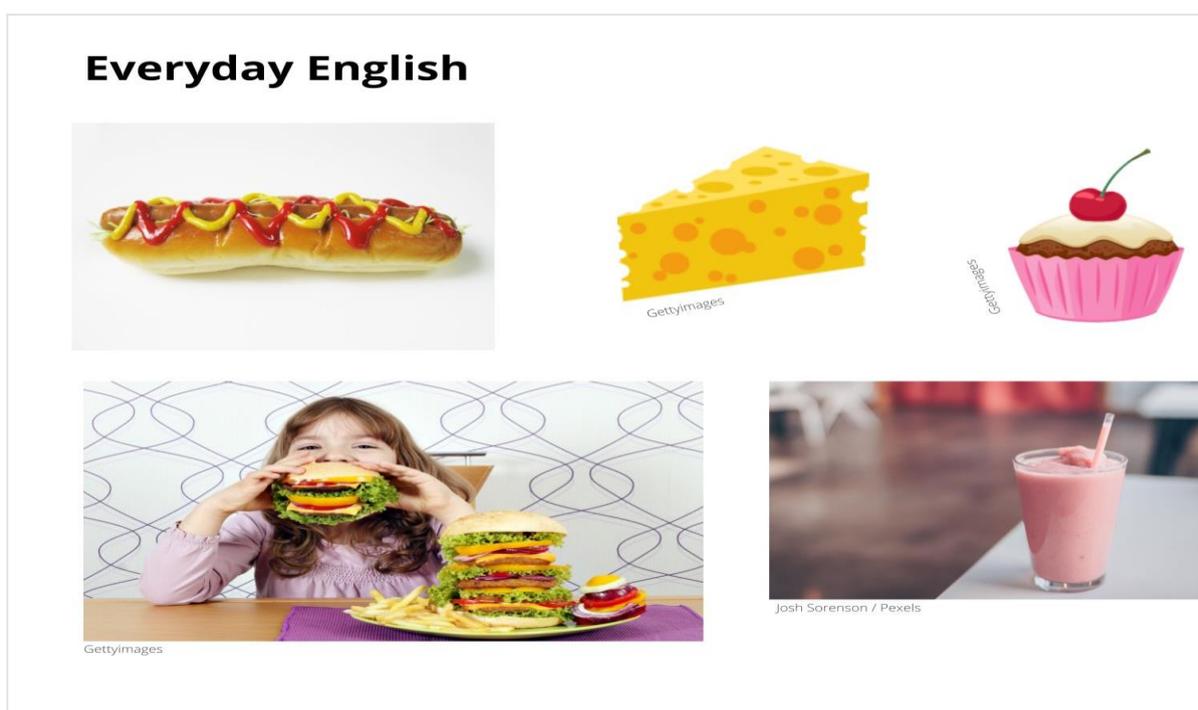
EF06LI25: Identificar a presença da língua inglesa na sociedade brasileira/comunidade (palavras, expressões, suportes e esferas de circulação e consumo) e seu significado.

“Logo, a atividade está organizada em três etapas (stages), a saber: “Presenting and questioning the topic”, “Thinking deeply” e “ Action in the Classroom”.

Stage 1: Presenting and questioning the topic

Tempo estimado: 10 minutos

Figura 3: Everyday English



Sugestão de mediação da atividade:

Mostre as imagens aos estudantes (no *datashow* ou imprima uma cópia em tamanho grande) e pergunte:

- *What images can you see in the picture?* (as/os estudantes devem responder: *Hamburger, cheese, milkshake, hot dog and cupcake.*) Faça a próxima pergunta: *Are they common in Brazil?* (as/os estudantes devem responder: *Yes!*). A seguir questione: *Are these words in English or Portuguese? (English/Portuguese/both?) Where can you find these words?* (É esperado que elas/eles digam algo parecido com: *at a fast food restaurant, at a shopping center, at a snack bar* etc). As respostas deles/as podem ir além das sugeridas aqui, pois essas palavras são comuns no cotidiano brasileiro
- Aproveite a oportunidade para questionar a turma sobre o uso da língua inglesa no dia a dia. Pergunte assim: *What other English words do you use in Brazil?* Essa pergunta tem como objetivo fazer os alunos refletirem que há muitas palavras que são faladas e escritas no Brasil em inglês sem serem traduzidas e que as pessoas não aprendem a língua inglesa apenas para viajar para outros países ou trabalhar. Destaque que falar a língua inglesa é um direito de todas as pessoas assim como aprender outras línguas.
- Algumas respostas podem ser essas: *e-mail, notebook, smartphone, Facebook, Style, fast food, delivery* etc. Faça repetições com a turma com os nomes das imagens fornecidas no *slide* e das demais palavras que os alunos forem lembrando. Esse é um momento importante de interação com a turma e com a língua e para fomentar a ideia de que essas palavras fazem parte do nosso vocabulário devido a conexão entre vários países pela tecnologia, questões econômicas, políticas (globalização) mas que não podemos pensar que a língua se resume a dois países apenas (Estados Unidos e Inglaterra).

Destaque por exemplo, países africanos como Gana, África do Sul, Nigéria ou na Ásia, como a Índia.

- Volte às imagens do slide e leia o nome de cada imagem novamente em voz alta para a turma. Certifique-se que eles entendem de fato essas palavras. *Proponha um desafio a eles. Faça assim: *How do you spell this word?* (Aponte para *Hamburger*). Deve ser fácil para eles realizarem esse desafio uma vez que caso eles/elas já tenham tido uma aula sobre os sons do alfabeto. Eles devem responder: *H-a-m-b-u-r-g-e-r*. *How do we pronounce this word in English? And, in Portuguese? Is the pronunciation the same?*
- Continue fazendo perguntas sobre os nomes das imagens dos slides uma por uma. Aponte para as imagens e oriente a percepção dos alunos. A cada participação dos alunos, faça reforços positivos assim: *Good! Great! Very Nice!*. Frise que eles /elas podem aprender a língua usando a própria língua e que isso é uma estratégia para se naturalizar a aprendizagem de um língua.

Stage 2: Thinking deeply

Tempo estimado: 15 minutos

Sugestão de mediação da atividade:

- Retome a pronúncia da palavra “Hamburger” considerando a atividade anterior e pergunte às/os estudante se elas/eles acham que ao aprender inglês outras pessoas que falam outras línguas também têm dificuldade de pronunciar essa palavra.
- Mostre o trecho selecionado do filme “Pink Panther” (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z6oeAdemFZw>) e pergunte o que elas/eles acharam da situação enfrentada pelo personagem ao tentar aprender inglês.
- Pergunte a elas/eles o que é importante se levar em consideração ao aprender inglês, quais dicas, estratégias seriam úteis (por exemplo, ouvir músicas, usar aplicativos , evitar pensamentos do tipo “ eu nunca vou aprender...”).

Stage 3: Action in the Classroom

Tempo estimado: 15 minutos

Sugestão de mediação da atividade:

- Incentive as /os estudantes a expressar suas sugestões sobre a importância de aprender inglês no Brasil, dicas para aprendizagem dessa língua ou outra mensagem que elas/eles considerem importantes para naturalizar o uso dessa língua em sua comunidade, na escola.
- Elas/eles podem elaborar cartazes individualmente ou em grupo, pintar camisas com essas frases. Alguns exemplos de frases que podem ser mostradas para elas/eles : “Hamburguer, Milk-shake...Yes you speak English in Brazil!”/ “Wake-up! English is not just Us and England. Learn more about Gana , Nigeria and India....” / “Yes you Can! Use duolingo to learn English” / “Notice! Avon, Natura... Their products’ s name are in English too”.
- Encoraje outras formas de expressão com a criação de músicas ou escolha de uma delas, como por exemplo “Samba do Approach” de Zeca Pagodinho. Elas/eles poderão também optar por montar cartazes apenas imagens, pinturas ou realizar breve teatralizações por meio de diálogos, dentre outras formas que elas/elas sugerirem.
- As/os estudantes poderão apresentar suas produções na aula seguinte na forma de uma feira chamada “English in Brazil and Everywhere”.

9.1. Breve síntese sobre as contribuições dos Estilos de Aprendizagem e Inteligências Múltiplas nas atividades

As atividades apresentadas valorizam diferentes estilos de aprendizagem das/dos estudantes no sentido de lhes prover *input visual e auditivo* por meio da verificação e leitura das imagens, vídeo, ao passo que o estilo de *leitura e escrita* é valorizado na

orientação dada pelo/a professor/a possibilitando que a discussão possa ser mediada por diferentes linguagens (GARDNER, 1983).

É importante destacar que ao participar das atividades, as/os estudantes poderiam expressar suas diferentes inteligências sem que houvesse uma comparação ou um padrão de produção idealizado para as atividades propostas. A exemplo disso, na etapa 3, elas/eles puderam escolher de que forma gostaria de participar da atividade segundo suas preferências em termos de interação (individual no caso dos intrapessoais ou em grupo no caso de estudantes interpessoais), a expressão por meio de imagens e pinturas nos cartazes e camisetas (inteligência visual-espacial, inteligência cinestésica), a elaboração de frases (inteligência linguística), escolha de músicas (inteligência musical). Assim essas inteligências representam um output ou produção de forma diversificada por parte das/dos estudantes sem estigmatizar suas habilidades ou inteligências.

9.2. Refletindo sobre as atividades desenvolvidas na aula de línguas e participação da/do estudante autista

Ao pensarmos nas características de uma pessoa autista geralmente remetemos a alguém isolado, que não fala e que está sempre balançando seu corpo de forma repetitiva ou brincando com algum objeto incansavelmente. De certo modo, essa imagem pode até ilustrar uma pessoa autista, mas não é apenas isso. O autista possui, entre outras características, deficiência significativa da comunicação e na interação verbal e não verbal, com ausência de reciprocidade social, e apego excessivo a rotinas e padrões de comportamento. Assim, apesar de o estudante autista apresentar dificuldades em socializar e interagir com os colegas, ela/ele terá uma forma própria de desenvolver as atividades e isso precisa ser considerado como sua forma de socializar e interagir. É importante que o/a professor/a desenvolva tarefas que visem influenciar a autonomia desse estudante para que a inclusão educacional realmente ocorra e para

que possa desenvolver habilidades comunicacionais tanto na língua materna quanto na língua-alvo.

As atividades relatadas enfatizam o caráter lúdico e diverso em termos de linguagens para o ensino-aprendizagem, uma vez que é através dessa diversidade que a/o estudante pode estabelecer relações sociais com o grupo em que está inserido, estimulando seu raciocínio, socializando e sentindo-se motivado a aprender sem que seja estigmatizado por não ter produzido o que se espera dentro de um padrão (MANTOAN, 2003). Dessa forma, através da relação com os outros e por meio da ajuda dos colegas na execução das atividades, o estudante autista pode desenvolver suas habilidades comunicacionais e assim melhorar sua aprendizagem a partir dessa interação entre os sujeitos e com o meio que integram o lugar social onde a criança está inserida observando também seus eixos de interesse (NOGUEIRA; ORRU, 2019). Compreender os estilos de aprendizagem e as inteligências múltiplas da criança autista, assim como as/os demais estudantes, é fundamental para o planejamento e mediação de atividades que ao invés de estigmatizar qualquer estudante, ressalte suas diferentes habilidades de demonstrar como aprendem.

10 . Considerações Finais

Retomando o objetivo deste trabalho no sentido de se compreender possíveis contribuições dos estilos de aprendizagem e inteligências múltiplas para um ensino-aprendizagem inclusivo de estudantes autistas, percebemos que a compreensão deles permite ao educador/educadora um olhar mais sensível para diversas formas de mediar o conhecimento por meio de diferentes linguagens e estratégias. Isso ocorre pela diversificação de materiais que servem de input para a aprendizagem e pela valorização da participação de todas/todos estudantes, incluindo estudante autistas, na realização de atividades (output) que foquem suas inteligências e não suas supostas limitações.

Assim, acreditamos que as atividades sugeridas contemplaram diferentes estilos de aprendizagens e fomentar a utilização de inteligências múltiplas reforçando o ensino-aprendizagem inclusivo que não estigmatiza a/o estudante autista respeitando suas limitações em termos de interação e comunicação.

É de suma importância que no futuro novas pesquisas sejam desenvolvidas nesse sentido, inclusive aplicando as atividades dessa natureza para se ter uma amostra da reação de todas e todos os estudantes, especialmente as/os autistas. Assim, poderemos tentar nos aproximar mais da execução do modelo de educação inclusiva que a Lei Brasileira de Inclusão sugere, sem deixar autistas de lado, e sem ignorar a importância deles aprenderem outras línguas como um direito de qualquer cidadã/cidadão.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, E. J. (Org.). **Educação especial: temas atuais**. Marília: Unesp - Marília Publicações, 2000, p.13.

ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências Múltiplas na sala de aula**. 2ª ed., Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A.M. **Estratégias de ensino aprendizagem**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL, **Lei 13.146 de 06 de julho de 2015**. Institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei Brasileira de Inclusão. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm . Acesso em 10 de outubro de 2023.

BRASIL, Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009 [2012]. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm. Acesso em 10 de outubro de 2023.

CURRY, L. **An organization of learning styles theory and construct**. The annual meeting of the American Educational Research Association. Montreal, Quebec, 11-15 April, ED 235185, 28p. 1983. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED235185.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2023.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre princípios, política e prática em educação especial. Espanha, 1994.

GAMA, Maria Clara S. Salgado. **A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas Implicações para Educação**

GARDNER, Howard. **Frames of mind: The theory of multiple Intelligences** (2nd ed.). New York, NY: Basic Books. 1983

GARDNER, Howard.. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1994.

GARDNER, Howard. **Reflections on multiple intelligences: Myth and messages**. Phi Delta Kappan, 77, (3), 1995.

GARDNER, Howard. **Intelligence reframed: Multiple intelligences for the 21 st century**. New York, NY: Basic Books, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, p. 13-20 e 27-34, 2003.

MAZZOTTA. MANTOAN, M.T. EM. J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**, 5. ed. São Paulo: Cortez. 2005.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

NOGUEIRA, Julia Candido Dias., & ORRÚ, Sílvia. Ester. **Eixos de interesse como possibilidades de aprendizagem para estudantes com Transtorno do Espectro Autista**. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 41(3), e49934, 2019 Disponível em : <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/49934/751375149133/> Acesso em 13 de nov, 2023

PRODANOV, Cleber.Cristiano.FREITAS,Ernani.Cesar. **Metodologia do trabalho científico:métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale,2013.

SOUZA, Gasperim Ramalho de . **O Direito à Diferença: Contribuições dos Estilos de Aprendizagem e Inteligências Múltiplas para a Educação Inclusiva**. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, [S. l.], v. 9, n. 1, 2021. Disponível em:

<https://ciltec.anais.nasnuv.com.br/index.php/CILTecOnline/article/view/788>. Acesso em: 13 out. 2023.

SOUZA, Gasperim Ramalho de. **Por uma língua estrangeira inclusiva: O letramento crítico e a teoria da complexidade no ensino de inglês**. 315f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=2975008&key=8c5cec6457db8426a198119eac0d2d65> . Acesso em 02 nov de 2023.

TAMANAHÁ, Ana. Carina.; PERISSINOTO, Jacy.; CHIARI, Brasília. Maria.. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 13, n. 3, p. 296–299, 2008. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/4R3nNtz8j9R9kgRLnb5JNrv/>. Acesso em 13 de nov , 2023.

VALENTE, Nelma Terezinha Zubek; et al. **Estilos de aprendizagem dos alunos do cursode Comunicação Social (Jornalismo) da UEPG**: aplicação do inventário de David Kolb. Revista ADMpg, Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 57-62., 2008. Disponível em: <<http://www.admpg.com.br/revista2008/artigos/ARTIGO%208%20COMPLETO.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2023.